

Final da década de 40: o DNPM estabelece um convênio com o USGS (United States Geological Survey), para realização de um mapeamento geológico sistemático do Quadrilátero Ferrífero, na escala de 1:25.000.



O QUADRILÁTERO DE JACK DORR

Storyboard: **Tébis Oliveira**

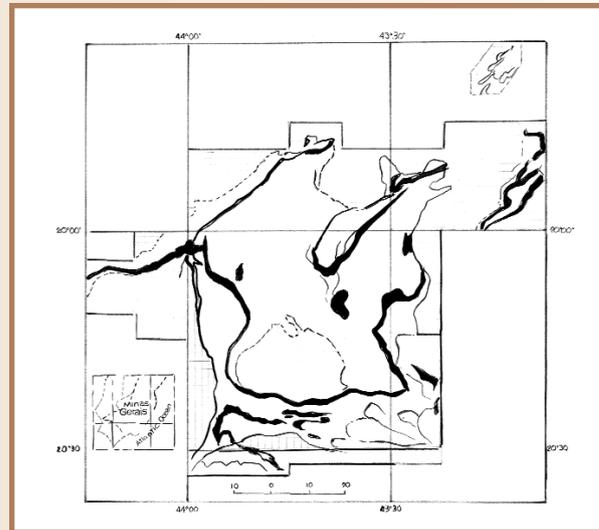
Ilustração: **Heder**

Baseado em texto dos geólogos Aloísio Licino de Miranda Barbosa e Paulo de Oliveira Nogueira, publicado no domínio Cobra.Pages, mantido pelo professor-doutor em geologia Rubem Queiroz Cobra.



A área já havia sido objeto de estudo de Eschwege (1822, 1832 e 1833), Gorceix (1881 e 1884) e Orville Derby (1881 e 1906).

No entanto, o levantamento realizado pela USGS e DNPM foi o primeiro mapa geológico da região e é, até hoje, a base de todos os seus estudos posteriores.

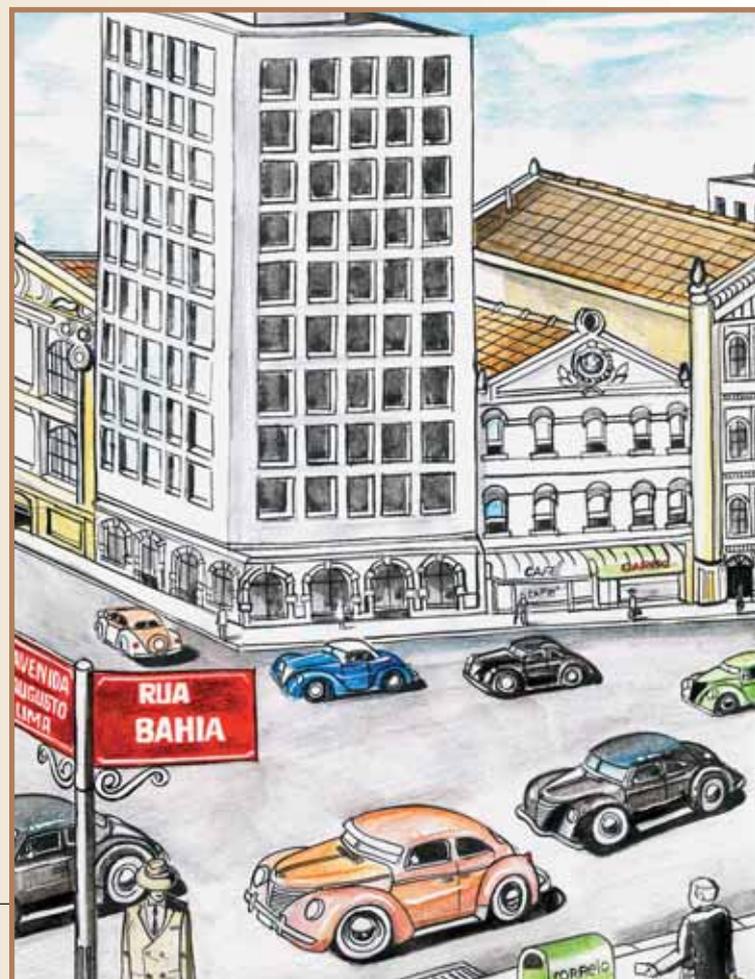


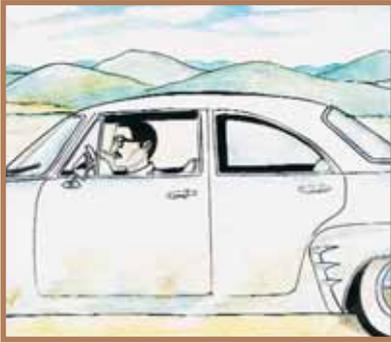
O geólogo John Van Nostrand Dorr II foi chamado a chefiar a equipe de 17 geólogos. Como ele, a maioria era de americanos que entre 1947 e 1962 se revezaram no Brasil.

John Dorr, ou Jack Dorr como era chamado, chegou ao País em 1941, aos 31 anos de idade. Também em missão do USGS, avaliou as reservas de manganês do Morro de Urucum (MT), uma alternativa a Morro da Mina, em Lafaiete (MG), para a siderurgia dos Estados Unidos, às vésperas de entrar na 2ª Grande Guerra.



A equipe americana ocupou o último andar de um edifício na rua Bahia, quase na esquina com a avenida Augusto de Lima, no centro de Belo Horizonte. Os equipamentos modernos que usavam e os métodos simples e objetivos de Jack Dorr impressionaram os geólogos brasileiros.

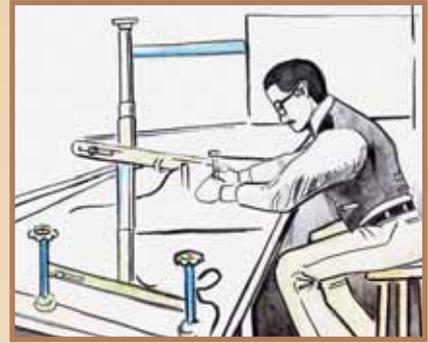




Muito carismático, o americano tinha um jeito de falar atencioso, meio sorrindo, meio confidencial. Em pé, costumava balançar o corpo para frente e para trás. E, ao dirigir, avançava o peito sobre o volante, o cigarro ao final da piteira, quase a tocar o pára-brisa.



Em campo, a equipe checou, reformulou e ampliou os conhecimentos que engenheiros e naturalistas, usando ternos e montados no lombo de burros, haviam reunido em suas excursões às montanhas pontiagudas da “Série Minas”.



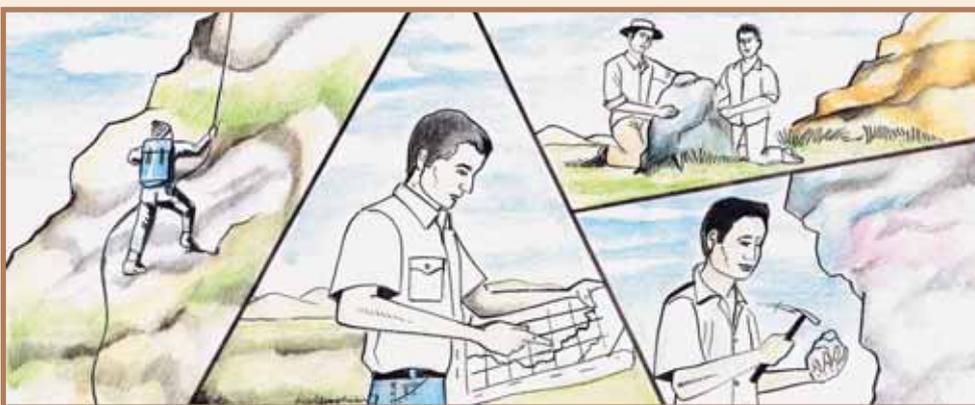
E então, os mapas geológicos, uma novidade no Brasil, começaram a surgir nas pranchetas dos geólogos. Os trabalhos foram concluídos em 1962. Publicados por Jack Dorr em 1969, se tornaram um clássico da literatura sobre formações ferríferas bandadas.



O mapeamento foi uma das duas bases do estudo “Geologia do Quadrilátero Ferrífero – Integração e Correção Cartográfica”, coordenado pelo Instituto de Geociências do Departamento de Geologia da UFMG, finalizado em 2006, que atualiza a cartografia da região.



Jack Dorr voltou aos Estados Unidos em 1962, mas esteve no Brasil diversas vezes depois. Aposentado em 1975 velejou pelo Maine, Flórida e Bahamas por um ano. Aos 80 anos, fez uma viagem de ida e volta até o Alaska, dividindo a direção do carro com sua esposa, Ann Pierce.



No Brasil, o trabalho de Jack Dorr no Quadrilátero Ferrífero deu impulso à carreira de geólogo, criando oportunidades de estágio a muitos estudantes e de bolsas do USGS em universidades americanas para professores e técnicos. Ele e sua equipe também fundaram o núcleo da então nascente Sociedade Brasileira de Geologia em Minas Gerais.

Nossos agradecimentos especiais aos geólogos Rubem Queiroz Cobra e Eduardo A.Ladeira, que participaram da equipe de Jack Dorr e cujas lembranças foram fundamentais em nossa tentativa de reconstituir seu trabalho em Minas Gerais